

O primo de John, Dan, começou a reclamar por mensagens naquela noite sobre as quinze horas de voo que enfrentaria indo dos Estados Unidos para Hong Kong. Logo parou e percebeu que não era apropriado reclamar de confinamento quando se falava com um preso. John disse: “Eu passo dezesseis horas por dia confinado nesta cama” e enviou um vídeo para mostrar ao primo toda a miséria. “Além do mais, não há aeromoça, nem classe executiva, nem comida boa, nem esperança de saída no dia seguinte, nem controle de clima, e pouca limpeza. Estar na prisão é como voar todo dia em pior que classe econômica por dezesseis horas, com invasores cruéis, gritando (em dialeto), que às vezes vêm bagunçar suas coisas, jogando tudo no chão e roubando, enquanto outros ‘passageiros’ também roubam.”

Como exercício prático, imagine voar de classe executiva de Chicago para Hong Kong—a cada dois dias pela vida nos próximos cinco (ou mais) anos—depois passar oito horas sentado em uma fábrica barulhenta, suja, decadente, repleta de serragem, ocupada, com gestores autoritários (e às vezes maldosos), no pior bairro da cidade. Em seguida, leva-se ao aeroporto para um outro “descanso” de executiva para Chicago, onde passará oito horas num parque—ou igreja pentecostal adjacente—num subúrbio imundo e perigoso, antes de voltar ao aeroporto para o próximo confortável voo para Hong Kong, e repetir a rotina. Uma vez por semana, em ambas as cidades, pessoas conhecidas (depois de serem humilhadas e revistas nuas) poderão te visitar por noventa minutos. Eventualmente, alguns privilegiados podem passar com as esposas pela multidão até uma sala comum que faz o Motel 6 parecer de luxo e ter relações num colchão imundo. Tudo se repete monótonamente, dia após dia por anos, exceto um detalhe: o voo não é nem agradável, nem sequer como classe econômica. A analogia melhora se o confinamento de quinze horas for no porão de bagagem do avião, num calor ou frio extremos, em vez de executiva, exposto a pervertidos agressivos e homens perigosos, ladrões, flatulentos e anti-higiênicos, com comida que nem cão ou gato comeria. Se você esconde um celular e for pego, terá os anos de “viagem” multiplicados, e menos chances de sair dessa rotina. O atendimento médico pós-chegada é inferior ao que se encontra no bairro mais pobre, limitando-se aos “gratuitos” medicamentos doados, vencidos ou ultrapassados, que o prático incompetente e inepto fornece. Não haverá acúmulo de milhas, nem trabalho verdadeiro, a não ser cozinhar refeições rudimentares para hordas de vadios e canalhas, costurando couro ou trabalhando com madeira pelo salário mínimo. Você aprenderá a gostar do tédio e distrações até enjoar. Eventualmente, psicólogo ou assistente social fará entrevista, criticará severamente em relatório e recomendará “tratamento”—que só alcança poucos privilegiados—para que talvez consiga sair meses ou anos antes, se um grupo de juizes em geral de esquerda concordar. Além disso, os contribuintes bancarão o pacote, embora amigos e parentes de alguns “sortudos” sintam-se movidos a sacrificar recursos, suprimindo ou substituindo parte de sua alimentação, higiene, remédios, roupas e roupa de cama. Muitos pagarão honorários extraordinários de advogados majoritariamente ineptos e frios, que pouco ou nada conseguirão para tirá-lo do porão ou obter permissões para sair da fábrica ou do parque. Nem mesmo acesso eventual ao lounge, salvo em ocasiões raras e mediante suborno de chefes. O mais triste é que a analogia é mais verdadeira que fictícia. O que Dan poderia dizer? Deveria estar satisfeito por ser “confinado” confortavelmente uma ou duas vezes ao ano. John agradeceu ao primo pela inspiração da analogia. Por que tantos idiotas acham que tal cenário reduz o crime ou reforma criminosos? Vai saber.